

SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM GEOGRÁFICA

ON THE CONCEPT OF GEOGRAPHICAL LANDSCAPE

Rafael Baldin

1

RESUMO

A noção de paisagem não é recente na História: ela é tão antiga quanto a própria sociedade. Vinculada até então como conceito estético, foi somente no século XIX que se concebeu a Paisagem como conhecimento científico dentro da sistematização do saber geográfico, confundindo-se com o próprio surgimento da disciplina. Na década de 1970, vemos o despontar da Geografia Cultural e a noção de paisagem se acopla à de representação. No olhar de quem observa há valores que são apropriados, como palimpsesto, na vivência. A paisagem então é um processo sócio-histórico que se constrói e reconstrói, resultado de interações complexas. Paisagem também reflete relações de poder e dominação. Atualmente, o termo goza de renovação teórico-metodológica e é um conceito-chave do arcabouço do saber geográfico.

Palavras-chave: Paisagem. Conceito. Geografia.

ABSTRACT

The notion of landscape is not recent in history: it is as old as society itself. Linked until then as an aesthetic concept, it was only in the nineteenth century that landscape was conceived as scientific knowledge within the systematization of geographical knowledge, confusing with the very emergence of the discipline. In the 1970s, we see the emerging of Cultural Geography and the notion of landscape is coupled with representation. In the look of those who observe there are values that are appropriate, such as palimpsest, in the experience. The landscape is then a socio-historical process that is built and reconstructed, the result of complex interactions. Landscape also reflects power relations and domination. Currently, the term enjoys theoretical-methodological renewal and is a key concept of the framework of geographical knowledge.

Keywords: Landscape. Concept. Geography



<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.180223>

Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 32, n. 47, e180223, 2021.

Estudar a paisagem é um caminho para perceber simultaneamente o conjunto de elementos que estão interagindo na construção do espaço (MYANAKI, 2003, p. 09).

O que está em jogo não são os olhos, mas os acordos institucionais que fazem com que vejamos ou não vejamos. (ALVES, 2000, p. 213).

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória. Com a revisão bibliográfica proposta, pretende-se ampliar o potencial de compreensão do conceito de paisagem e suas implicações teóricas, notadamente por discentes ingressantes em cursos de graduação e pós-graduação que demandem a temática. Tentamos, assim, abarcar – até onde nosso fôlego de pesquisa pôde acompanhar – a evolução da noção de paisagem e os acordos subjetivos a que o conceito se presta.

2 Obras de vulto foram escritas sobre o tema da paisagem. Não se trata, portanto, de um “Fio de Ariadne”, ciente das limitações do presente estudo. Muito pelo contrário, ao final, espera-se que suscite mais perguntas que respostas. Talvez, nesse ponto esteja sua maior potencialidade. As figuras que seguem não devem ser lidas como mera “ilustração”, mas como provocações, no sentido de aduzir novas pesquisas. Por fim, espera-se que seja útil para aqueles catecúmenos que principiam no caminho da pesquisa, pois há escasso material nesse sentido.

Talvez, a palavra mais antiga que se tem conhecimento e que influenciou nosso conceito¹ hodierno de paisagem é “*noff*”, que em hebraico significa “vista” (NAVEH; LIEBERMAN, 1994, *apud* SILVA, 2016, p. 2). Assim, paisagem é o “espaço de terreno que se abrange numa visão de conjunto; vista, panorama; pintura, gravura ou desenho que representa uma vista panorâmica” (XIMENES, 2003, p. 690 *apud* MOURA-FÉ, 2014, p. 104). Então, o termo

1 Oriundo do latim “*conceptus*” com significado de “conter completamente”. Usualmente, é utilizado para referir-se a uma “definição geral” ou “síntese do conhecimento acerca de determinado assunto” (SILVA, 2016, p. 1).

ocidental provecto tem a ver com as pinturas do Renascimento que, além da questão estética, apresentam uma representação social, que muitas vezes pende para um senso de pertencimento (nacionalismo) (COSGROVE, 1985, *apud* SILVA, 2016, p. 5)².

Assim, a primeira noção do termo tem a ver com o sentido da visão, ou seja, de “tudo aquilo que a vista alcança”, ou, nas palavras de Paul Vidal de La Blache, “aquilo que o olho abarca com o olhar” (SILVA, 2016, p. 5-6). Já do latim vem o termo “*pagus*”, significando literalmente “vila”, originando, noutras línguas, *paese*, país, *pays*³ e *land*⁴. O termo oriental “*mânzar*”, em árabe, quer dizer “panorama, ponto de vista” (SILVA, 2016, p. 2). Em russo, temos *mesnost* e *ourotchitche*, que possuem valor territorial (MAXIMIANO, 2004, p. 87). Depreendemos que o termo acompanha o homem desde seus primórdios, pois enquanto ambiente vivido ou captado pela consciência humana, a paisagem acompanha o homem, ora levando a um senso utilitarista, ora à contemplação (*ibidem*, p. 90).

Muito antes de a Geografia nascer como ciência, a noção de paisagem era já vinculada às artes, particularmente à pintura e à poesia. A paisagem esteve vinculada à visualização, tanto assim é que Bailly (1991) a definiu como “a parte visível do espaço terrestre” (*apud* SOEIRO, 2015, p. 234). Já no século XV, surge na Holanda o termo de “*landskip*”, “aplicando-se aos quadros que representavam recortes da realidade, tal como a percebemos a partir de um enquadramento” (*ibidem*, p. 234). A Geografia, enquanto Ciência, tem a finalidade de “analisar a relação da sociedade com seu espaço de vida e a maneira como os diferentes grupos integram-se com o meio. [...] Ela investiga o espaço vivido e produzido [...] cuja imagem visual é a paisagem” (SANTOS; MELO; BATISTA, 2019, p. 41).

De acordo com Antonio Carlos Robert Moraes, “a Geografia é uma ciência sintética (que trabalha com dados de todas as demais ciências), descritiva (que enumera os fenômenos abarcados) e que visa

2 Muitas das vezes “integrado à construção de imaginários coloniais, reafirmando o domínio imperialista” (BESSE, 2014, p. 21, *apud* SILVA, 2016, p. 16).

3 Relacionado a território, região ou espaço geográfico.

4 Relacionado a terreno ou propriedade rural.



Figura 1: Reprodução: Ermínia e os pastores, Claude Lorraine, óleo sobre tela (1666). Os espaços abertos e cenas pitorescas se tornaram modelos de representação copiados posteriormente. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/daniel/ospaisagistasholandeses-doseculoxvii.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.

abranger uma visão de conjunto do planeta” (1998, *apud* MOURA-FÉ, 2014, p. 102). Mas a paisagem, como objeto de estudo da Geografia, “é vista como uma associação de múltiplos fenômenos, [...] parte 1) descritiva, [...]; parte [...] 2) dinâmica, da inter-relação entre seus constituintes” (MOURA-FÉ, 2014, p. 102). O que a faz Ciência, no entanto, é perceber a conexão entre seus elementos. Dentro das perspectivas básicas de análise do conceito, temos então as questões **morfológicas**, que dizem respeito ao estudo da forma, da configuração e da aparência externa da paisagem, os processos **fisiológicos**, de investigação sobre o funcionamento da natureza e, a partir da década de 1970, com seu escopo ampliado, inserem-se abordagens **culturais** (MOURA-FÉ, 2014, p. 107).

Paisagem, registram os dicionaristas, é a extensão de território que se abrange em um relance de vista. Assim, florestas, pastagens, lavouras, rios, lagos e outros reservatórios de água, bem como unidades de relevo, como topos de morro, encostas, fundos de vale, rios, lagos, podem ser paisagens no olhar de quem vê. A diversidade de ambientes físicos e humanos levou os geógrafos a interpretar nossa realidade. Paisagem aqui é vista como uma generalização, um conjunto, uma unidade (céu, água, planície, casa ensolarada etc.). A análise científica decompõe a paisagem em seus elementos e utiliza a Geografia para apreciá-los em conjunto (PELUSO JÚNIOR, 1991, p. 68).



Figura 2: Vista da Reserva Indígena Mangueirinha, Paraná. A paisagem de uma aldeia indígena é muito diferente da paisagem urbana. Disponível em: <https://rbj.com.br/movimento-questiona-legitimidade-de-lideranca-indigena-em-mangueirinha/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Segundo Besse, “mesmo que a paisagem possua uma dimensão visível, seu conteúdo não se limita aquilo que se pode ver” (2006, p. 69 *apud* LIMA *et al.*, 2017, p. 3670). É nesse sentido que se extrapola o conceito e a paisagem é “percebida através da atuação conjunta dos sentidos do corpo”, aumentando o interesse na percepção espacial (MIRANDA, 2015, p. 20). A Geografia fala “das formas, das cores, dos cheiros, dos sons, dos ruídos” não estando mais restrita somente ao que os olhos podem captar (CLAVAL, 2011, p. 158 *apud* MIRANDA, 2015, p. 20). Ela é “um conjunto inter-relacionado de formações naturais e antroponaturais” (RODRIGUEZ; SILVA; CAVALCANTI, 2004 *apud* LIMA *et al.*, 2017, p. 3670).

2 PAISAGEM E CIÊNCIA

Paisagem enquanto conceito foi construído e representado singularmente pelo naturalista romântico Alexander Von Humboldt, no século XIX, que, juntamente com o historiador e filósofo Carl Ritter, são considerados os fundadores da Geografia enquanto ciência, enquanto princípio holístico, distinto daquele utilizado pelo senso comum. Humboldt, para formar seu conceito científico, bebeu de várias fontes filosóficas e artísticas, inspirado na Estética, propôs seu conceito de paisagem, como o “conjunto de formas que caracterizam um setor determinado da superfície terrestre” (BOLÓS, 1992 *apud* ANDRADE, 2005, p. 18). Logo, para ele e Ritter,

a Geografia seria o conhecimento sistematizado na compreensão dos lugares e da relação do homem com a natureza, “sendo que para isso, era necessário o conhecimento dos aspectos físico-naturais das paisagens, assim como dos aspectos humanos e sociais” (MENDONÇA, 1997 *apud* MOURA-FÉ, 2014, p. 103).

O ocaso do século XIX vê duas grandes escolas da Geografia: a alemã de Ferdinand von Richthofen (1883) e a francesa de Vidal de La Blache (1899). Essa utiliza o termo “*pays*”, *paysage* e aquela “*landschaft*”. Sendo que esse se refere “a uma associação morfológica e cultural”, como conjunto de elementos naturais com o ser humano; enquanto aquele “tem um sentido mais estético, com um sentido de região, associado ao Renascimento e posteriormente à Geografia Regional” (HOLZER, 1999, p. 152 *apud* SILVA, 2016, p. 3). Apesar das diferenças semânticas, ambas são caracterizadas por incluírem processos interativos homem-natureza, baluarte do que mais de meio século depois seria conhecida como Geografia Cultural (APLIN, 2007, p. 248 *apud* CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 82).

É interessante notar as noções de Jean-Marc Besse em relação à História Ambiental. Para esse filósofo, o conceito de paisagem encontra-se assentado como elemento constitutivo da História Ambiental que:

“[...] procura nos acontecimentos históricos os processos que modificaram o meio ambiente [...] com o objetivo de compreender como a natureza afetou as sociedades e como as sociedades afetaram a natureza. A disciplina nasce a partir da necessidade de incluir a natureza no estudo histórico não somente como elemento passivo, mas como sujeito ativo. Nesse sentido, a ecologia e as demais ciências naturais são utilizadas para compreender os aspectos do funcionamento da natureza, em relação às modificações derivadas das ações humanas” (SOLÓRZANO; OLIVEIRA; GUEDES-BRUNI, 2009, p. 50-54 *apud* SILVA, 2016, p. 12).

Besse ainda vê a paisagem umbilicalmente unida à nossa vida cotidiana, pensando a cidade, por exemplo, “a partir das suas

relações e na sua integração com o solo, o território, o meio vivo, [...] recosturando ligações entre a cidade e a sua localização, entre a cidade e o seu território, a cidade e o seu meio natural” em uma “experiência polissensorial ligada à interação provocada por nossas emoções: repulsas, afeto, saudade” (BESSE, 2014, p. 59 *apud* SILVA, 2016, p. 14).

Em momentos assim, num barco ou numa praia, pela janela de um trem ou em uma casa em um bairro qualquer, a paisagem está sempre atraindo nossa atenção. É como se estivéssemos em um teatro, diante de uma cenografia recém revelada por um abrir de cortinas. Bela ou feia, clara ou mal iluminada, próxima ou distante – não importa – somos atraídos pela paisagem como são os olhares dos espectadores atraídos pelo palco. E o que vemos ou percebemos estimula nossa imaginação e desenvolve nossa capacidade de observação. Aquilo que os olhos veem junte-se os estímulos sonoros provenientes de uma circunstância qualquer e já não somos alvo apenas do que vemos, mas também do que ouvimos (NUNES, 2002, p. 216).

Não é difícil pensarmos na importância da paisagem, afinal ela “é um símbolo que pode deixar uma pessoa disposta ou desanimada no seu dia-a-dia” (BOLSON, 2004). Paisagem é uma palavra de uso comum no nosso cotidiano. Também é um dos temas clássicos em que a Geografia se ocupa, um conceito-chave. O termo paisagem é extremamente polissêmico: se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o olhar de cada um dos que a examinam.

A notoriedade do conceito teve seus altos e baixos no decorrer da história da disciplina geográfica. Ela já foi preterida por outros termos como Espaço, Território e Lugar⁵, por exemplo, con-

5 Por **espaço** entende-se a (re)construção das atividades dos homens por meio da(s) técnica(s), integrando aspectos físicos e antrópicos, ao longo do tempo por meio do trabalho. Tem a ver com o processo histórico que os sujeitos vivem, sistemas de crença e valores, normas jurídicas (formais e informais) e interesses (econômicos, políticos etc.). É um processo que ocorre ao longo da história das diversas sociedades, refletindo seu estágio de

ceitos-chave que guardam parentesco, pois “todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre” (CORRÊA, 2007, p. 16 *apud* SILVA; FONSECA, 2018, p. 166).

Já depois da década de 1970, na virada cultural como dito acima, ela retoma sua importância, com novas matrizes epistemológicas “composta por elementos visíveis e também ‘não visíveis’ do espaço com aspectos naturais e sociais” (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 7 *apud* MOURA-FÉ, 2014, p. 104).

Está implícita a ideia de articulação entre natureza e sociedade. Na busca desta articulação, a Geografia tem que trabalhar, de um lado, com os elementos e atributos naturais, procurando não só descrevê-los, mas entender as interações existentes entre eles; e de outro, verificar a maneira pela qual a sociedade está administrando e interferindo nos sistemas naturais. Para perceber a ação da sociedade é necessário adentrar em sua estrutura social, procurando apreender o seu modo de produção e as relações socioeconômicas vigentes (GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 34).

6

3 PAISAGEM GEOGRÁFICA

Seguindo os passos de Alexander Von Humboldt, os geógrafos que se seguiram produziram uma reflexão conceitual própria. A geografia, que tinha no estudo da paisagem seu objeto, é alçada

desenvolvimento das forças produtivas de cada sociedade (SILVA; OLIC; LOZANO, 2013, p. 19). O território tem a ver com a noção de “natureza e sociedade adstritos a um limite de extensão de poder. Pode ser caracterizado como um conjunto de paisagens contido pelos limites políticos de um ente e as relações entre os agentes sociais, políticos e econômicos que interferem na gestão desse espaço [...] onde se revelam as diferenças de condições ambientais e de vida da população” (GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 37). “O território é fonte de recursos e só assim pode ser compreendido quando enfocado em sua relação com a sociedade e suas relações de produção, o que pode ser identificado pela indústria, pela agricultura, pela mineração, pela circulação de mercadorias etc., ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza” (SPOSITO, 2004, p. 112-113 *apud* GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 37). Por lugar seria o mundo vivido, o espaço onde moramos, estudamos, trabalhamos, e, principalmente estabelecemos relações de afetividade. “É o resultado de significados construídos pela experiência [...] onde criamos raízes” (RELPH, 1979, p. 156 *apud* GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 35).

ao status de disciplina acadêmica. Esses geógrafos definiram, *mutatis mutandis*, como “porções do espaço relativamente amplas que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade” (HOLZER, 1999, p. 151).

Como vimos, a compreensão de paisagem geográfica⁶ conheceu duas fases: uma na virada do século XIX-XX, influenciada pela escola regionalista francesa⁷; e outra em meados do século XX⁸, com o desenvolvimento dos transportes e meios de comunicação que, por seu turno, incrementaram a circulação de mercadorias e capitais.

A homogeneidade da paisagem, por seu turno, se refletiria tanto em seus aspectos fisiográficos quanto numa uniformidade dos arranjos humanos: os estilos e formas das habitações, os meios de transporte, os sistemas de cultivos agrícolas e os padrões de povoamento (densidade ou rarefação) em cada parcela do espaço. (CONTEL, 2015, p. 450).

Para Maria Rita Vidal “as relações entre a sociedade e natureza estão intimamente ligadas às necessidades de produção” (2014, p. 16 *apud* LIMA *et al.*, 2017, p. 3673). O conceito de sociedade é fruto da “oposição jusnaturalista entre ‘(estado de) natureza’ e ‘sociedade (civil)’, com a diferenciação das ciências humanas” (CASTRO, 2012, p. 167). Tais diferenciações estão no cerne da disciplina geográfica. Roberto Lobato Corrêa afirma que:

“[...] subjacente a todos os paradigmas há um denominador comum: a geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante das relações entre os homens e entres estes e a natureza. Não houvesse di-

6 Vide RONCAYOLO, M. Região. In: RONCAYOLO. *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional, 1986, p. 161-189.

7 Um dos exemplos é o geógrafo Lucien Gallois, e sua obra *Régions naturelles et noms de pays*, de 1908.

8 Vide CHOLLEY, A. *Régions naturelles et régions humaines. L'Information Géographique*, Paris, v. 4, n. 2, p. 40-42, 1940. CHOLLEY, A. *La géographie: guide de l'étudiant*. 2. ed. Paris: PUF, 1951.



Figura 3: O jogo Domínio de Carcassonne (Grow) toma a forma de uma paisagem. Por que a paisagem nos encanta? Disponível em: <https://brjoga.files.wordpress.com/2012/08/c3.png>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ferenciação de áreas [...] certamente a geografia não teria surgido” (1987, p. 8).

Essa “virada” nos paradigmas interpretativos da década de 1970 corresponde a uma dinâmica do entendimento da paisagem que repousa no sujeito e sua forma de lhe dar sentido, de interpretar a realidade – enfim, a subjetividade e não-neutralidade.⁹

⁹ Ver O Poder da Ideologia, de István Mészáros. Nessa obra, o autor “combate os mitos da neutralidade ideológica e da pureza científica, ao analisar o papel da ciência como legitimadora de interesses ideológicos, e expõem a importância de uma ideologia da emancipação para superar o capitalismo” (Boitempo).

O estudo da paisagem local não deve restringir à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Deve-se também buscar as relações entre a sociedade e natureza que aí se encontram presentes situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados, compreendendo-as. Estudar a paisagem local ao longo do primeiro e segundo ciclos é aprender a observar e a reconhecer os fenômenos que a definem e suas características; descrever, representar, comparar e construir explicações, mesmo que aproximadas e subjetivas, das relações que aí se encontram impressas e expressas

(BRASIL, 2000, p. 116 *apud* GIOMETTI; PITTON; ORTI-GOZA, 2012, p. 36-37).

A paisagem conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro, em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. Entendida como um produto social e histórico, ela retrata as sociedades que a construíram e a constroem. Portanto, ela não é estática, está em constante transformação.

E por falar em transformação, o conceito está novamente em debate, retomada com a emergência da Nova Geografia Cultural¹⁰, a discussão sobre paisagem passou a ser revestida de novos conteúdos, devido à ampliação dos horizontes explicativos da disciplina com a incorporação de noções como **percepção**, **representação**, **imaginário** e **simbolismo** (CASTRO, 2002, p. 121). Portanto, uma aparência e uma representação (BRUNET, 1992, p. 337 *apud* CORRÊA; ROZENDAHL, 1998, p. 45). Essa discussão em torno da questão cultural que ocorreu na Geografia foi recorrente em todas as áreas do conhecimento devido à ampliação e revisão das questões que fundavam a modernidade (pós-modernidade). De tal sorte que o geógrafo não estuda mais apenas a paisagem como realidade objetiva. Preocupa-se com a maneira como a paisagem está carregada de sentido, investida de afetividade (e porque não dizer intencionalidade...) por aqueles que vivem nela ou que a descobrem (CORRÊA; ROZENDAHL, 1998, p. 52). Então, não é mais só como as paisagens “nasceram”, mas como elas são “percebidas” e “valorizadas”, sensível ao profundo sentido humano das comunidades locais. Nas cidades, a arquitetura vernacular, por exemplo, merece *a priori* ser estudada porque é aquela da pessoa comum; é aquela que fala a pessoa comum (CORRÊA; ROZENDAHL, 1998, p. 63-64).

Na busca pela compreensão dos fenômenos atuantes no equilíbrio natural, o pensamento científico passa a ter uma visão interdisciplinar e sistêmica, em detrimento de qualquer forma de reducionismo, em razão da necessidade de entender a complexa dinâmica gerada, amiúde, pelas atividades antrópicas nos meios

¹⁰ Desde a década de 1980, a “Nova Geografia Cultural” emergiu, trazendo diversas tradições teóricas, incluindo o modelos político-econômicos marxistas, a teoria feminista, a teoria do pós-colonialismo, o pós-estruturalismo e a psicanálise.

naturais (GUERRA; MARÇAL, 2006 *apud* AGUIAR, 2010, p. 155). A paisagem apresenta um papel fundamental na compreensão do espaço, constituindo uma marca (*grafia*) que o homem imprime na superfície da terra (RUA, 2007, p. 13). Assim, unidades de paisagem são “áreas ou regiões com características morfológicas, climáticas, hidrográficas, antropológicas semelhantes, sejam elas naturais ou que tenham sofrido a interferência humana” (AGUIAR, 2010, p. 154).

Tendo em vista que a larga maioria das paisagens tende a ser cada vez mais alterada pelas atividades humanas, é premente que as entendamos para podermos elaborar qualquer planejamento que seja sustentável. Diante dessa realidade, Liz Abad Maximiano (2004) propõe dez elementos-síntese para pensarmos o conceito de paisagem:

- 1) o aspecto fundamentalmente visual;
- 2) a análise dos aspectos morfológicos;
- 3) a complexidade de inter-relações entre os elementos físicos e destes com os elementos culturais;
- 4) a abordagem do aspecto cultural;
- 5) a sucessão temporal das diferentes paisagens;
- 6) a possibilidade de cartografar a paisagem, já que a mesma ocupa um lugar, e a diversidade da escala da paisagem – do local ao planetário;
- 7) a possibilidade de classificar paisagens em unidades diferenciadas ou homogêneas ou com ênfase em um elemento de sua composição – vegetação, clima ou cultura;
- 8) o caráter dinâmico das paisagens; e
- 9) a possibilidade de análise por meio dos elementos, estrutura e/ou funcionamento da paisagem.
- 10) a adoção do parâmetro espacial-evolutivo para a análise da Paisagem (*apud* MOURA-FÉ, 2019, p. 1234)

Com o auxílio de Maximiano¹¹, percebemos que a paisagem é muito mais que só uma imagem panorâmica observada de determinado ponto de vista. Ela é uma associação geográfica de elementos, síntese de elementos naturais e culturais que formam um conjunto e que possuem um caráter orgânico (MOURA-FÉ, 2014, p. 105). É o que nos diz o geógrafo Preston James: que a paisagem não é só uma porção da terra que o olhar percebe. Logo, a paisagem é o “território estudado em número suficiente de vistas, e que apresenta coisas orgânicas e inorgânicas, produzidas algumas por processos independentes da vontade humana e outros resultantes da presença do homem” (PELUSO JÚNIOR, 1991, p. 69).

O estudo da paisagem é essencial para a Geografia Humana. O homem “procurando satisfazer suas necessidades, adapta e modifica a natureza, e é, por sua vez, modificado e adaptado por ela” (PELUSO JÚNIOR, 1991, p. 69). Passa a ser uma adaptação mútua do ambiente e do ser humano, ou uma “paisagem cultural”. Segundo Vidal de La Blache, traz “nova concepção às relações entre a terra e o homem”. Assim, “a paisagem geográfica será, antes de tudo, a visão de conjunto obtida de inúmeras perspectivas do ambiente físico, vistas através dos interesses humanos” (PELUSO JÚNIOR, 1991, p. 70). Para Dora Shellard Corrêa, o homem é o protagonista do enredo, seja produzindo os dados examinados, o relatório, a carta, o mapa etc., seja como ator no relato (2008, p. 136). Equivalente ao pensamento de Milton Santos em que “a paisagem é ponto de partida para a compreensão do espaço geográfico, [...] o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (2004, p. 103 apud PICHITELI, 2017, p. 124).

11 É mister que se diga que muitos desses elementos-síntese encontrados em Maximiano fazem eco aos pressupostos da escola “conzeniana”, linha interdisciplinar de pesquisa disseminada internacionalmente pelo geógrafo alemão radicado na Inglaterra, Michael Robert Günther Conzen (1907-2000). Ele é considerado pioneiro no campo da Morfologia Urbana (1960). Sua abordagem histórico-geográfica e suas investigações acerca do conjunto das formas urbanas e dos atores e processos responsáveis pela sua transformação influenciaram outros geógrafos e servem de importante subsídio teórico a pesquisadores no Brasil e no mundo. Vide CONZEN, Michael Robert Günther. *Alnwick, Northumberland: a study in town plan analysis*. Inst. Br. Geogr., Londres, n. 27, 1960; CONZEN, Michael Robert Günther. *Thinking about urban form: papers on Urban Morphology, 1932-1998*. Oxford: Peter Lang, 2004.

Então, nossa paisagem começa a diferir daquela pintada nos quadros renascentistas: perspectiva, luz, formas, volume. Elas são agora movimento, sons, cheiros etc. (SILVA; FONSECA, 2018, p. 166). Para aqueles que se debruçam sobre o estudo da Cidade, a geógrafa Lana de Souza Cavalcanti adverte, em relação à paisagem e espaço urbano, que “requer a formação de um sistema amplo de conceitos, a aquisição de muita informação e o desenvolvimento de uma série de capacidades e habilidades” (CAVALCANTI, 2008, p. 55 apud LIMA et al., 2017, p. 3672).

O que estamos afirmando é que, apesar de a paisagem necessitar da nossa percepção (ou seja, é dependente de nossos sentidos) só isso não basta para construir um conhecimento autenticamente científico, pois “nossa percepção se dá de forma viciada e seletiva” (SILVA; FONSECA, 2018, p. 167). *Plus ultra*, “a paisagem é tudo aquilo que se vê, e a nossa visão depende da localização em que se está” (CASTROGIOVANNI, 2002, p. 110 apud LIMA et al., 2017, p. 3672).

4 PAISAGEM CULTURAL

Em sua obra Paisagem e Memória, Simon Schama explora a força da memória ao ser reconstituída no presente e a força da imagem a partir do olhar do autor. O autor nos convida à leitura: “É uma viagem adorável por espaços e lugares, com os olhos bem abertos” (1996, p. 30). A paisagem é preenchida ideologicamente por significados identitários e simbólicos (inclusive de nacionalidade), reproduzidos pela literatura e pela pintura, que acabam por alimentar os imaginários sociais, ao mesmo tempo que se alimentam desses (PIDNER, 2014, p. 220 apud SCHAMA, 1996).

Tal qual nos fala René Magritte, a paisagem é uma representação. Logo, é cultura. Para ele, nós “vemos o quadro como exterior a nós, embora seja apenas uma representação do que experimentamos em nosso interior” (SCHAMA, 1996, p. 22).

A construção da paisagem se dá por meio da forma, mas mediada pela nossa percepção, ou seja, é a cultura que forma esse desenho que experimentamos como beleza. O gesto organiza-



Figura 4: A alienação forçada do espaço urbano traduz-se na paisagem das favelas, dos cortiços, dos mocambos, das encostas de morro, onde se reproduz a força de trabalho (informal), assaz distante da alienação consentida dos condomínios fechados, e.g. Até que ponto incorporamos e assimilamos identidades que reproduzem uma alteridade, ao normalizar a exclusão, em lugar de nos tornarmos mais sensíveis?
Foto: "Favela" em Pato Branco, Paraná (2010).
Autor: Prefeitura Municipal de Pato Branco.

dor do artista faz parte da cultura que carrega lembranças das gerações anteriores. E o que o autor propõe é, por um olhar histórico, exatamente refutar o caráter mutuamente excludente entre natureza e cultura. Além disso, as paisagens podem ser conscientemente concebidas para expressar as virtudes de uma determinada comunidade social (SCHAMA, 1996, p. 23-26).

Por fim, Simon Schama nos adverte: "Apenas temos boa memória. Como o húmus lentamente acumulado ao longo das estações, a soma de nossos passados, uma geração após outra, forma o adubo de nosso futuro. Vivemos disso" (SCHAMA, 1996, p. 569). E

nas palavras de Henry David Thoreau, "é inútil sonhar com uma rusticidade distante de nós, isso não existe. O que inspira tal sonho é o charco que há em nosso cérebro e em nossas entranhas, o vigor primitivo da natureza existente em nós" (*apud* SCHAMA, 1996, p. 573).

Segundo Paul Claval, "o papel do geógrafo é multiplicar os pontos de vista, olhar o relevo de perto e de longe [...] e construir, a partir daí uma imagem sintética da região que analisa" (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 19). Essa tentativa de explicar a superfície da Terra em razão de uma (inter)face faz com que percebamos

sua fisionomia. Isso é, “crosta terrestre não é apenas uma superfície [mas] a zona de contato [...] que permite que a vida se aloje. [...] deixa de ser um quadro sem vida; ela é feita de ambientes” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 20).

A noção de paisagem como interface de suporte à biosfera é indispensável para se pensar a paisagem como interface entre homem e natureza. Partir da noção de interface significa destacar as formas vivas da paisagem e, doravante, “estudar as relações complexas que se desenvolvem entre os homens e os ambientes onde eles vivem” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 21).

É o nascedouro da geografia humana, situada na interface entre natureza e fatos sociais – natureza e cultura, transformando a forma de conceber a paisagem de modo mais profundo. Sendo uma reconstrução sistemática que deixa de ser oblíqua e passa a ser vertical, o olhar do geógrafo permite generalizações, pois pretende abarcar grandes conjuntos com um lance de vista, perceber os contrastes que existem de uma zona para outra, comparar as áreas onde os elementos da paisagem são uniformes em grandes espaços e aquelas que formam um mosaico uniforme (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 23).

A nomenclatura “paisagem cultural” remonta ao termo “*kulturlandschaft*”, atribuído por Kerstin Potthoff a Carl Ritter, que “parece ter sido o primeiro a usar o termo, em 1832, seguido por Carl Vogel (1851), Joseph Wimmer (1882) e Friedrich Ratzel (1893)” (2013, p. 49 *apud* CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 83). Quem cunhou o termo antes ou depois, pouco importa. O mais significativo é a distinção feita por esses e outros geógrafos de que existe uma paisagem que é produto da cultura, diferente da paisagem natural – não sem motivo, pois o evolucionismo imprimiu sua marca no século XIX e influenciou importantes pensadores do século XX, para o bem (evolucionismo biológico) ou para o mal (darwinismo social).

O geógrafo Otto Schlüter (1872-1959) e o antropólogo Franz Boas (1858-1942) começaram a estudar povos com culturas diferentes em ambientes semelhantes. O primeiro reconheceu as mudanças históricas na paisagem, enquanto o segundo desenvolveu

a noção de relativismo cultural (CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 84). “Boas argumentou que era importante compreender os traços culturais das sociedades – seus comportamentos, crenças e símbolos – e a necessidade de examiná-los em seu contexto local e relativo” (TAYLOR; LENNON, 2011, p. 539 *apud* CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 84).

A partir dos anos de 1970, pululam estudos sobre paisagem cultural. Mas o que aconteceu nessa década que começou a chamar a atenção dos especialistas? Certamente, o crescimento sem precedentes das cidades fez com que a paisagem urbana se alterasse sobremaneira, suscitando séries de estudos. Entram no debate questões como a representação, a semiologia e, claro, a paisagem cultural. “A ideia de paisagem cultural redireciona a paisagem para um conceito mais fluído” (BLANKENSHIP, 2016, p. 181).

Vale destacar que a paisagem existe em função da sociedade que a produziu. É nesse sentido que o estudo da Cidade ganha destaque, pois ela também “causa sensações estéticas e sentimentos emocionais, devendo, portanto, ser interpretada como paisagem” (MADERUELO, 2010, p. 576). De tal sorte que, se conseguimos ler a paisagem cultural, conseguimos entender, por seu turno, a cultura de determinada nação, conforme afirmou Peirce Lewis, geógrafo estadunidense: “Nossa paisagem humana é nossa autobiografia involuntária, refletindo nossos gostos, nossos valores, nossas aspirações, e até mesmo nossos medos, em forma tangível e visível” (LEWIS, 1979, p. 1).

É nessa década que a subjetividade – atrelada à percepção sensorial – ganha tração. E na década de 1990 mais algumas “dobradiças” serão construídas. Além de romper com o que Álvaro Domingues chama de “polarizações tradicionais”, natureza e cultura (DOMINGUES, 2001, p. 65), há um incremento na subjetividade: “a concepção de valor mais representativa da deliberação teórica na década de 1990 enfatiza sua subjetividade e dependência da história pessoal, herança cultural e concepções idealizadas do mundo” (JACQUES, 1995, p. 91).

Interessante notar o pensamento do geógrafo Augustin Berque, que fala de uma via de mão dupla:

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. e por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política (1998, p. 86 apud SILVA; BOM-FIM; COSTA, 2019, p. 4).

Nessa esteira, concorda Rogério Haesbaert quando diz que “o conceito opera não só como produto, mas também como produtor da realidade” (2014, p. 30). E essa abordagem também é representação, como afirma Iná Elias de Castro:

12 Sendo a paisagem o que se vê, supõe-se necessariamente a dimensão real do concreto, o que se mostra, e a representação do sujeito, que codifica a observação. A paisagem resultado desta observação é fruto de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos. A paisagem apresenta-se assim de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação (2002, p. 140).

Segundo Stuart Hall, “a representação é parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e trocados entre membros de uma mesma cultura. Nesse processo está envolvido o uso da linguagem, dos símbolos e de imagens que tornam o mundo real conhecido e cognoscível” (1997 apud MIRANDA, 2015, p. 19). Para Paul Claval, “as relações entre os seres humanos e a natureza, ou as relações que os seres humanos tecem entre eles nunca são diretas, elas sempre se apoiam em uma mediação cultural” (2011, p. 163).

Como diz Jorge Luis Borges:

Um homem que propõe a tarefa de desenhar o mundo: ao longo dos anos ele povoa um espaço com imagens de províncias, reinos, montanhas, baías, navios insulares, peixes, quartos, instrumentos, estrelas, cavalos e

peças. Pouco antes de morrer, ele descobre que o labirinto da linha do paciente traça a imagem de seu rosto (1997, p. 232).

5 PAISAGEM: IDENTIDADE E HEGEMONIA

Segundo Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rozendahl, fundamentalmente, o conceito de paisagem contém as dimensões epistemológicas morfológica e funcional. A essas, são acrescidas atualmente as dimensões histórica e simbólica (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 7-11).

Para Paul Claval, “não se trata mais de contentar-se em descrever o meio ambiente no qual vivem e trabalham os homens; o que se procura compreender são as relações complexas que se estabelecem entre os indivíduos e os grupos, o ambiente que eles transformam, as identidades que ali nascem ou se desenvolvem” (2004, p. 71). Destarte, a paisagem não é uma imagem estática de algo natural, mas a construção social que representa a cultura e as complexas relações de poder que informam a(s) identidade(s).

E o que se entende por identidade? Para Denys Cuche e Mathias Le Bossé, essa pergunta remete à discussão sobre cultura. A diferença entre cultura e identidade é que a primeira diz respeito a processos inconscientes, enquanto a segunda é própria de uma vinculação essencialmente consciente, baseada em relações simbólicas (CUCHE, 1999, p. 75). Hodiernamente, há o desejo de ver cultura em tudo e de encontrar identidade para todos. O atual debate sobre identidade está ligado ao fenômeno da exaltação da diferença que surgiu na década de 1970¹². A identidade, ao mesmo tempo que inclui dialeticamente exclui, pois, ao identificar um grupo, o distingue de outros grupos. Ela está visceralmente relacionada à alteridade: não há identidade, em si nem para si, ela existe em relação com uma outra, é elaborada na relação entre o “nós” e o “eles”. Essa diferenciação é estabelecida através de fronteiras, que são fundamentais para a construção de

12 Vide CALLIGARIS, Contardo. De onde você fala? *Folha de S. Paulo*, Opinião. 9 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2018/08/de-onde-voce-fala.shtml>. Acesso em: 25 set. 2020.



Figura 5: O estudo da paisagem urbana nos ajuda a perceber o “*dernier cri*” da especulação imobiliária. Vista do Pato Branco Shopping, 2020. Disponível em: <http://patobrancoshopping.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2020.

identidades e seus objetivos. E isso representa uma relação de força entre os grupos. Já Le Bossé entende que o homem constrói e reivindica identidades que têm a ver com suas representações dos lugares, em relação a outros lugares. Essa identidade constitui-se nas vivências concretas do cotidiano.

A paisagem, sempre socialmente construída, é edificada em torno de instituições sociais dominantes e ordenada pelo poder dessas instituições. “A paisagem está recheada de painéis indicadores da identidade do lugar, das direções, de obrigações, de interdições, de autorização, de orientação e de canalização da circulação” (BRUNET, 1992, p. 338). O termo sugere ainda a capacidade de impor uma visão – logicamente, a visão dominante. Se uma paisagem é um símbolo, então, ela pode servir como veículo de reprodução de padrões culturais e valores de um grupo

dominante, regulando códigos e comportamentos sociais (SILVA, 2016, p. 6).

Sharon Zukin nos diz que, por meio da paisagem, podemos mapear cultura e poder (2000, p. 83), quando observamos que, na adoção de políticas para a paisagem, visa-se preservar o status de seus habitantes, conferindo distinção social à elite, que ostenta seu poder na suntuosidade de suas construções, conforme observa Roberto Lobato Corrêa (2003, p. 183). A preservação do valor simbólico dessas construções ratifica um valor de troca. Os novos significados da paisagem, conseqüentemente, transformam-na em um tipo particular de **mercadoria**. Hodiernamente, a importância da cultura orientada para o consumo e a destruição criadora da paisagem sob o patrocínio do mercado, são essenciais no mapeamento da cultura e do poder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a paisagem surgiu como conceito representado nas telas dos pintores holandeses (e depois italianos) do século XV. Era ali retratada de maneira objetiva (forma, luz, volume etc.), mas também subjetiva (ideia de pertencimento, nacionalismo, imperialismo etc.). A paisagem, como conceito científico, surgiu no século XIX, com o despontar do racionalismo e do evolucionismo. Assim, ela foi tornando-se objeto, mas também método de pesquisa, entendida como “uma medida multidimensional de compreensão de um lugar” (MAXIMIANO, 2004, p. 90).

A paisagem, enquanto construção sócio-histórica, foi se transformando ao longo do tempo. De tudo aquilo que pode ser contemplado do ambiente pelo olhar do observador, passou a ser a cena das práticas sociais e mais recentemente como cultura, resultado da interação entre representação e subjetividade. A definição mais simples de paisagem, como um espaço abarcado por um relance, bastante usual no senso comum, não deu conta da complexidade que o termo abrangia. Chantal Blanc-Pamard e Jean-Pierre Raison completam “que em torno deste vocábulo, inçado de tantas inspirações existenciais quando de significados científicos, se realize uma síntese eficaz das relações dialéticas entre natureza e sociedade” (1986, p. 158).

Por último, devemos ter o cuidado de não encararmos as paisagens naturais como “mito da natureza intocada”, pois importa que esses territórios todos foram ou são ocupados por populações que ali encontram seus meios de: 1) subsistência; 2) trabalho e produção; e 3) produção dos aspectos materiais das relações sociais. Assim, a paisagem também incorpora a “reprodução econômica e das relações sociais” (DIEGUES, 2008, p. 83-85).

Imunes a essa idealização, a da sacralização do espaço natural, percebemos que ele não está livre da influência antrópica. Por seu turno, a influência do homem também altera a paisagem (DEAN, 1996, p. 280; OLIVEIRA, 2007, p. 85). “O homem inventou-a para falar de si mesmo por meio da imagem. Somos nós mesmos na nossa paisagem. Assim, pode-se dizer que paisagem

traduz o homem, mas ao mesmo tempo faz o homem” (ANDREOTTI, 2012, p. 6).

O homem enquanto elemento social (e tudo o que daí deriva econômica, cultural e ambientalmente) indelevelmente integrante da paisagem – e também, como vimos, transformador dela – passa a se destacar devido à intensificação da interação das atividades humanas com os meios naturais, e seus consequentes resultados (CHRISTOFOLETTI, 1999 *apud* AGUIAR, 2010, p. 156).

Dessa forma, podemos dizer que o conceito de paisagem enquanto real e representação, tempo e cultura na formação do espaço geográfico, engendra signos, símbolos, relações de poder etc. Mas tudo isso tem a ver com o pomo teórico, a matriz epistemológica pela qual embasamos nossa(s) abordagem(ns).

Também é na cidade que podemos ver o conceito de paisagem, nas modificações antrópicas e por ações do próprio meio. Paisagem é o que podemos ver. Também é o que podemos sentir. E tudo isso em movimento, pois ela não é estática, é dinâmica. E nesse processo histórico-dialético podemos perceber que sua transformação engendra grandes conflitos.

Controvérsias essas às quais o próprio conceito de paisagem não se furtou. No horizonte da análise da determinação ontológica da realidade social, daquilo que Karl Marx e Friedrich Engels costumavam distinguir entre aparência e essência – a “forma” paisagem *vis-à-vis* às suas interpenetrações.

A pesquisa empreendida foi sobremodo exaustiva, contudo não se esgota. À guisa de conclusão, ressaltamos que um conceito está incluso em um campo de proposições filosóficas que, por seu turno, estão datadas em um contexto histórico específico. Então, devemos compreender o contexto em que a historicidade do conceito é construída: aquilo que faz com que vejamos ou não as intervenções no espaço. Essas mudanças intencionais tentem a plasmar uma representação homogênea da paisagem heterogênea, elidindo, por exemplo, a luta de classes.

Sem cair no que Rogério Haesbaert chama de “fetichismo do conceito”, ele é um instrumento, um método para compreen-

dermos o “real” e que tem “potencial político”, na resistência contra-hegemônica dos povos que, cada vez mais, devem ser ouvidos: os invisibilizados da História (2014, p. 47-51).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wagner de. Unidades de paisagem da bacia hidrográfica do rio Quatorze no município de Francisco Beltrão – PR. *Perspectiva*, Unioeste Colegiados de Geografia, n. 6, p. 152-165, 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/8377>. Acesso em: 25 set. 2020.

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*: introdução ao jogo e a suas regras. São Paulo: Loyola, 2000, p. 213.

ANDRADE, José. Antônio. *As unidades de paisagem e os sistemas de produção agrícola no município de Florai-PR*. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. *Ra'e ga*, Curitiba, n.24, p. 5-17, 2012.

BLANKENSHIP, Jeffrey D. *Reading Landscape: J. B. Jackson and the cultural landscape idea at midcentury*. *Landscape Journal: design, planning, and management of the land*. v. 35, n. 2, p. 167-184. 2016. Disponível em: <http://lj.uwpress.org/content/35/2/167.abstract>. Acesso em: 25 set. 2020.

BOLSON, J. H. G. A importância da paisagem na atividade turística. *Revista Turismo* (on-line). São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>. Acesso em: 25 set. 2020.

BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Barcelona: Emecé, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Caracterização da Área de Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRUNET, Roger (org.). *Les Mots de la Géographie, Dictionnaire Critique*. Paris/Montpellier: La Documentation Française /Reclus, 1992.

CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa. A evolução do conceito de paisagem cultural. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n. 16, mar. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 81-98, 2019. Disponível em: <http://www.cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2019.16.004>. Acesso em: 25 set. 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Sociedade. In: LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos*. Brasília: Nova Letra, 2012.

CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Paisagem e Turismo*. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Turismo).

CHANTAL, Blanc-Pamard; RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: *Enciclopédia Einaudi*. v.8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986. p. 138-159.

CHOLLEY, André. *La géographie: guide de l'étudiant*. 2. ed. Paris: PUF, 1951.

CHOLLEY, André. *Régions naturelles et régions humaines. L'Information Géographique*, Paris, v. 4, n. 2, p. 40-42, 1940.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 147-166.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 13-74.

CONTEL, Fabio Betioli. Os conceitos de região e regionalização: aspectos de sua evolução e possíveis usos para a regionalização da saúde. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 447-460, jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000200447&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 set. 2020.

CONZEN, Michael Robert Günter. *Alnwick, Northumberland: a study in town plan analysis*. Inst. Br. Geogr., Londres, n. 27, 1960.

CONZEN, Michael Robert Günter. *Thinking about urban form: papers on Urban Morphology, 1932-1998*. Oxford: Peter Lang, 2004.

CORRÊA, Dora Shellard. Descrições de paisagens: construindo vazios humanos e territórios indígenas na Capitania de São Paulo ao final do século XVIII. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 135-152, jan.-jun. 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 7-11. (Série Geografia Cultural).

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo*. A História e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2008.

DOMINGUES, Álvaro. A paisagem revisitada. *Finisterra*. v. XXXVI, n. 72, p. 55-66. 2001. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1621/1316>. Acesso em: 25 set. 2020.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Sílvia Aparecida Guarnieri. Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território. *Unesp/UNIVESP*, v. 9, p. 33-40, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf. Acesso em: 25 set. 2020.

GUERRA, Antonio José Teixeira; MARÇAL, Mônica dos Santos. **Geomorfologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Por uma constelação geográfica de conceitos. *In: Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 19-51.

HALL, Stuart. **Representations: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage, 1997.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário e identidade: alternativas para o estudo geográfico. *In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 149-168 (Série Geografia Cultural).

JACQUES, David. *The rise of cultural landscapes. International Journal of Heritage Studies*. v. 1, n. 2. p. 91-101, 1995. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13527259508722136>. Acesso em 25 set. 2020.

LIMA, Marley Trajano et al. A Geografia escolar e o conceito de paisagem. *In: PEREZ FILHO, A.; AMORIM R. R (orgs.). XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. I Congresso Nacional de Geografia Física. Os desafios da Geografia Física na fronteira do conhecimento*. Campinas: Instituto de Geociências - UNICAMP, 2017. Disponível em: <http://ocs.ige.unicamp.br/ojs/sbgfa/article/view/2598>. Acesso em: 25 set. 2020.

MADERUELO, J. *El Paisaje Urbano. Estudios Geográficos*, v. LXXI, n. 269, p. 575-600, 2010.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Classificação de paisagens no norte de Campo Largo – Paraná, segundo sua condição socioambiental**. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 2002.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o Conceito de Paisagem. *Revista RA'E GA*, n. 8, p. 83-91, 2004.

MIRANDA, Thalita Xavier Garrido. **O poeta, a cidade e o desassossego: percepção espacial e paisagem na prosa poética de Fernando Pessoa**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MOURA-FÉ, Marcelo Martins de. Historicidade e contemporaneidade do conceito de paisagem. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 10, n. 2, p. 101-114, jul/dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/9975>. Acesso em: 25 set. 2020.

MOURA-FÉ, Marcelo Martins de. Paisagem e a aplicabilidade geomorfológica do conceito. *Revista Brasileira de Geografia Física*, v. 12, n. 4, p. 1231-1237, jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/234290>. Acesso em: 25 set. 2020.

MYANAKY, Jacqueline. **A paisagem no ensino de geografia: uma estratégia didática a partir da arte**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

NUNES, Celso. A paisagem como teatro. *In: YÁZIGI, Eduardo (org.). Paisagem e Turismo*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 215-223 (Coleção Turismo).

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro. Sustentados pela floresta: populações tradicionais e a Mata Atlântica. *In: RUA, João (Org.). Paisagem, espaço e sustentabilidade: uma perspectiva multidimensional da geografia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2007.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antonio. Paisagens catarinenses. *In: Aspectos geográficos de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1991. p. 67-83, 93-184.

PICHITELI, Milaine Aparecida. A compreensão do conceito de paisagem dos alunos do 6º ano – Fundamental II: um estudo na abordagem piagetiana. *Revista Contexto & Educação*, v. 32, n. 103, p. 120-145, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6603>. Acesso em: 25 set. 2020.

RUA, João. **Paisagem, espaço e sustentabilidade: uma perspectiva multidimensional da geografia**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2007.

SANTOS, Sarah Moura Batista dos. Ensino e construção do conceito de paisagem a partir do recurso didático fotografia: uma reflexão do estágio de regência em Geografia. *Revista Ensino de Geografia*, Recife, v. 2, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/240458>. Acesso em: 25 set. 2020.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 13-30, 513-573.

SILVA, Amanda Scofano de Andrade. Trilhando a paisagem: uma abordagem de conceitos e diálogos. *Revista Eletrônica História, Natureza e Espaço*, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/download/31935/22633>. Acesso em: 25 set. 2020.

SILVA, Angela Corrêa da; OLIC, Nelson Bacic; LOZANO, Ruy. **Geografia: contextos e redes**. São Paulo: Moderna, 2013.

SILVA, Patrícia Honório Moura da; FONSECA, Ricardo Lopes. O ensino do conceito geográfico de paisagem por meio da literatura de cordel a partir de uma oficina pedagógica. *Geografia*, Londrina, v. 27, n. 1, pp. 161 – 173, abr. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324460294_O_ensino_do_conceito_geografico_de_paisagem_por_meio_da_literatura_de_cordel_a_partir_de_uma_oficina_pedagogica. Acesso em: 25 set. 2020.

SILVA, Sílvia Heleny Gomes da; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; COSTA, Otávio José Lemos. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: um diálogo entre a geografia cultural e a psicologia ambiental. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 10, n. 21, p. 1 - 22, maio. 2019.

SOEIRO, Ítalo César Moura. Movimento espiral do conceito de paisagem: algumas aproximações e a estreita relação com o binômio natureza-cultura. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, Recife, v. 04, n. 02, 2015, p. 232-244

Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu/article/view/229881>.
Acesso em: 25 set. 2020.

VIDAL, Maria Rita. Geoeologia das paisagens: **Fundamentos e aplicabilidades para o planejamento ambiental no baixo curso do rio Curu-Ceará-Brasil**, 2014. 204 p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Ceara. Fortaleza, 2014.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. *In*: ARANTES, Antonio A. **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 80-103.

AGRADECIMENTOS

Aos professores Dr. Antonio Marcos Myskiw (orientador) e Dr. Marlon Brandt (disciplina de Paisagens Caboclas do Sul do Brasil) pelo apoio e inefável tirocínio.

Rafael Baldin
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Departamento
de Biblioteca (DEBIB) do Câmpus Francisco Beltrão.
Linha Santa Bárbara, s/n, Francisco Beltrão, PR, Brasil - 85601-970
<https://orcid.org/0000-0003-2941-2538>.
rafaelutfpr@gmail.com

17

Nota do Editor:
Submetido em: 20/12/2020
Aprovado em: 07/03/2021
Revisão: RMO